



recontado por
IGOR CAPELATO

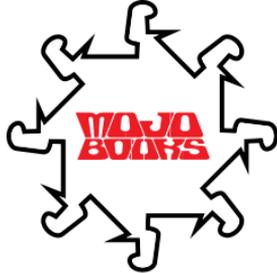
cartola
CARTOLA 74



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

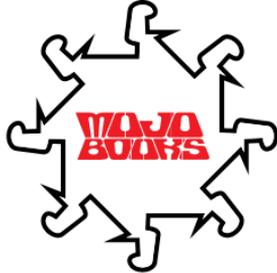
Danilo Corci
organizador



VOLUME 19

CARTOLA 74
cartola

recontado por **IGOR CAPELATTO**



VOLUME 19

CARTOLA 74
cartola

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Abril de 2007

PRÓLOGO

O puta gosto amargo do café de três dias, requentado, não é mais o mesmo. As meias fedem mais do que o normal, e os óculos dificultam a visão devido à crosta de gordura e poeira sobre as lentes. A merda de gato está lá na varanda há mais tempo do que o café e do que a televisão fora do ar. Aqueles chuviscos e pontilhados tremem na caixa de fósforo. A válvula não regula mais, as teias de aranha são muitas. Apoiado no pedaço de madeira rachado do parapeito de uma velha janela, ele cospe, entre tragadas de cigarro — molhado na tempestade da noite anterior e secado no varal de um vizinho cego — e uns goles do café maldito. O Sol, colorindo o céu, é a maior beleza que, talvez, se encontre por lá e diz a ele um intenso bom-dia. “Porra de bom-dia é esse!?”, retruca em tom seco e grosso. Sua voz já não é mais a mesma e, às vezes, dá uma soluçada para conseguir dizer uma palavra mais comprida. Ele observa a alvorada e cospe novamente. Já não é mais um cuspe qualquer. É uma baita de uma catarrada intensa que rasga sua garganta, jorrando sangue por todos os cantos. Mais cheiro ruim pro pedaço. Antigamente era perfume de



margarida e a calcinha rosa com cheiro do amaciante de extrato de camomila que tomavam conta. Hoje, aquela calcinha rosa só tem cheiro de mijo, mas ainda assim ele a inala com desejo, pois o faz lembrar dela.



DISFARÇA E CHORA

— Esquece nosso amor, vê se esquece — ele sussurra enquanto tira uma meleca do nariz.

— Mestre, o sinhô tá falano comigo? — pergunta a gorda de uns quarenta anos, que usa um vestido todo manchado de cândida e desinfetante.

A gorda masca um chiclete vencido, e sua sandália havaiana de camelô está toda suja de merda de gato. Ela nem liga. Esfrega a velha camisa xadrez, com tantos furos que parece roupa da Segunda Guerra. Ele não responde e sussurra novamente:

— Vê se me esquece, já não sei mais amar.

— O sinhô num me ama mais?

— Desculpa, o que tu disse?

— Perguntei se o sinhô num me ama mais.

— Ah, tu. Bom, tu nunca amei, viu?

— Mas mestre...

— Volta a lavar essa bosta remendada que é pra isso que tu tá aqui.

— Vá cagá.





Ele só não fica mais irritado porque cada vez mais a depressão toma conta de sua alma em decomposição. A desgraçada da sua mão já não é mais a mesma, ele não consegue nem se segurar direito e, pra piorar a sua manhã de bosta, derruba a trincada e já lascada xícara, desperdiçando os últimos resquícios daquele café. Nada pra ele tem mais sentido — a única coisa que ainda o mantém firme é a calcinha com cheiro de mijo. A mão desgraçada está sangrando com os cacos da xícara, mas isso não a impede de entrar por entre o cinto de couro falso descascado, correr por detrás do zíper quebrado e descer até coçar o saco.

A voz do lamento ecoa na sua cabeça. “É ela”, pensa. Desde que ela se foi, ele ouviu essa voz e sente vontade de chorar. Mas a sua reputação de homem-macho não o permite. A gorda apenas ri da situação:

— Onde já se viu? Canta sobre choro e lamento e não tem coragem de chorar?

Mais uma vez, ele a manda trabalhar. “Num sei nem por que tô aqui”, ela pensa em voz alta, como se quisesse que o mestre a ouvisse. Ou melhor, ela quer.

— De que adianta lavá a roupa, se ele só usa aquela mesma camisa cinza? – murmura.

— Tu sabes que eu não canto mais.

- Mas devia.
- Pra quê? Ou mió, pra quem?
- Ce sabe que a galera ainda gosta.
- Já foi a época da Portela.

Portela, Mangueira, não importa mais. O mestre acabava de decretar oficialmente a morte do samba, porque já fazia anos que ele o havia assassinado. Quando passava algum garoto com um cavaquinho ou um pandeiro, ele logo dava um jeito de jogar merda no coitado. Só mais um gole, é tudo que ele quer no momento. Só mais um gole de café. Mas é incapaz de levantar um dedo pra fazer café. E já que a gorda não toma nada que é de cor escura, então nem se importa em coar o pó — se é que há pó. Coador, não tem problema. Da última vez, ele usou uma meia mesmo. O mestre abaixa a cabeça e, em passos arrastados, rasgando a sola do sapato que achara no lixo na semana anterior, caminha pra dentro do outro cômodo do barraco. Só há dois. Ele soluça forte e range os dentes. A gorda continua a esfregar. Nem liga pra ele, já que o mestre também não se importa com ela.

A porta improvisada do outro cômodo bate com força, deixando a alvorada pra trás. Ele não quer mais saber de ver o sorriso da natureza. Sorrir não é mais permitido — ele coloca como ementa em seu decreto. Tudo fica escuro, pois não há janela no





cômodo e a lâmpada está quebrada. A gorda termina de esfregar a “bosta remendada” e troca de roupa. O outro vestido está menos manchado. Ela arruma o balde e uma vassoura quase sem pêlos e tenta fechar a torneira do tanque, que não pára de pingar. Não consegue. Tenta novamente e nada. Desiste e, resmungando sobre a vida de merda que leva, desce os degraus quebrados da escada ao lado do barraco e vai embora. Ela não trabalha mais o dia inteiro. O mestre quase não paga por esse meio período. “Na semana passada me faltou com dois mangos. Se faltar esta semana, ele vai ter de esfregar a bosta remendada sozinho. Aí eu quero ver”, pensa com raiva. Já é quase meio-dia.

Ao fundo ouve-se um choro. Um choro de quem tomou coragem e está pondo pra fora seu sentimento.

— Cacete que estou chorando! — ele responde logo em seguida que alguém grita em direção ao seu barraco, perguntando se ele estava chorando.

— Não sou maricas, não. Sou homem-macho – resmunga.

Irritado, mandou calarem a boca e parar de atormentá-lo. Assumir seus sentimentos era algo que não conseguia mesmo, por isso muitas vezes falou pra um tal jornalista que era o seu colega compositor quem escrevia as letras de suas canções. “Eu só faço a melodia.”

Só que a fita não colava. Cada vez que dizia isso, alguém vinha botando a boca no trombone. Hoje ninguém mais fala nada — não por ele. O mestre havia sido esquecido fazia tempo, tanto tempo que a última vez que foi visto ainda tinha resquícius de cabelos pretos. Até mesmo a gorda tenta esquecê-lo, mas depende dos trocados que ele paga.

Ainda se ouve o choro. Agora dá para perceber que é um choro seco, sem lágrimas. Outra voz veio encher o saco dele e, dessa vez com um tom mais intenso, ele manda todo mundo pra aquele lugar; e, de novo, manda calarem a boca. Então, por incrível que pareça, o silêncio toma conta do morro. Não se ouve mais nada. Nem mesmo uma respiração.

O mestre apalpa um baú empoeirado e consegue encontrar uma corda dentro dele. Pelo menos parece ser uma corda — é o que ele sente com os calos de sua mão fodida. Como viveu muitos anos sem energia no seu barraco, aprendeu a se virar no escuro. Às vezes zoava, fingindo ser o Ray Charles. Só que ele tinha dificuldade com o inglês e cantava tudo errado. E ainda tentava fazer “Hit the Road, Jack” parecer um samba do tipo “Alegria”. Pegando a corda, ele a enrola e entrelaça. Dá uma fungada, daquelas profundas de choro, e joga o outro lado da corda sobre um cabideiro pendurado no alto de uma parede de pedra e papelão. Com as



duas mãos segura o laço que fez e ergue os braços, direcionando as mãos em direção à sua cabeça. Novamente dá outra fungada e deixa o silêncio ser curtido no morro.

Então, uma lágrima escorre.



ACONTECE

“Nosso ninho de amor está vazio” são as últimas palavras dele naquele instante. Fecha os olhos — como se precisasse, afinal, está escuro lá dentro. Ele segura firme a corda e tenta empurrar o banco que está debaixo dos seus pés. Faz um esforço, já que suas pernas não são mais as mesmas. Ele ainda sente algo caminhar pela sua perna esquerda — a princípio acha que é o suor, depois pensa ser uma barata, mas é algo maior: um rato. Rapidamente deixa de pensar na coisa que sobe nele; afinal, não precisa mais se importar. Está preste a partir desta pra outra quando percebe que alguém está desfazendo as suas malas. “Não vá”, ele pensa ter ouvido uma doce voz sussurrar.

Repentinamente, a corda é cortada e ele é segurado por alguém. Uma pele suave e um perfume angelical. O mestre fica anestesiado quando percebe está apoiado no colchão rasgado no canto do quarto. Mal consegue perceber a doce melodia abrindo a porta e caminhando pra fora do cômodo. A luz que vem do outro lado ainda ofende seus olhos, acostumados com a escuridão. Ele se levanta — quase não dá tempo — e consegue alcançá-la.



Quando chega perto, vê a sua amada, a mulher de sua vida, que estava nos céus havia uns quatro ou cinco anos. Ele não consegue acreditar no que está vendo.

— Estou sonhando ou será que morri? — pergunta desesperadamente.

Ela estica a mão e tampa a sua boca. Uma mão que, apesar de delicada, é grande o suficiente para cobrir-lhe lábios e o queixo com a barba mal feita. Ela faz um gesto com o dedo indicador da outra mão.

— Xiiiiuuu — é tudo que ele ouve, e então ela sai do barraco e esmaece no ar. Ao mesmo tempo em que o coração bate forte, e o amor ferve intensamente, o mestre arregala os olhos e seu queixo fica caído.

— Isso não acontece.

“...apesar de todo erro, espero ainda que a festa do adeus seja a festa da vinda”. O som vem de longe, mas ele reconhece no ato. Isso é o pouco que se espera de quem compõe uma canção. Reconhecer a própria música. Mal deu tempo de absorver e pensar no que tinha acabado de acontecer, e ele já mudou seu humor. O mestre fica puto da vida, com os olhos fervidos e os dedos das duas mãos cruzados. Suas pernas começam a tremer. “Mas quem será o merdinha que tá tocando minha música?” O problema não

é o fato de outra pessoa tocar a sua música, mas o fato de sua música estar sendo tocada. Alguém havia rompido o decreto.

Sem pensar, ele sai às pressas e desce, num único pulo, a escada. Vai a toda em direção ao samba. Seu ódio é tanto que nem percebe quando pisa nos pés de uma senhora, derruba seu vizinho cego que tenta atravessar a ruela e esbarra em um coitado que está descarregando umas garrafas de cerveja para abastecer o boteco. Logo chega numa esquina onde vê um rapaz não muito alto, sem camisa, com um colar dourado, bermuda florida e sandálias de pano. O rapaz não está ingerindo nicotina ou álcool. Apenas toma um café forte enquanto escuta uma velha fita cassette num daqueles tocadores de fita que funcionam a pilhas.

— Que tu pensas que estás fazendo?

— Eu? Nada.

— E essa música aí?

— Que é que tem? Não gostou?

— Eu...

— Olha, o pessoal curte esse samba. Até mesmo uma mulher apareceu aqui e disse que adora muito essa canção e que queria saber onde tava um tal de mestre... Parece que é o cara que fez a música...

O rapaz descreve a mulher, e o mestre chora. Dessa vez,



ele esquece todo aquele lance de homem-macho e de mandar quem zoa com ele pra aquele lugar. Apenas puxa uma cadeira, apóia-se sobre a mesa, respira fundo, assoa o nariz na toalha da mesa e chora.

— É a segunda ou terceira vez que ela parece aqui.

— E...

— Eu não sabia responder pra ela onde tava o tal do mestre.

— Mas...

— Hoje tinha um camarada aqui servindo a gente e ele falou pra ela subir lá no morro.

O mestre chora mais ainda. Soluçando mais do que já havia soluçado na vida, ele apenas olha para o rapaz e tenta entender como aquilo tudo era possível. O rapaz lhe conta que, todas às vezes, estava escutando aquele samba e...

— ... tomando café.

— Café?

— Pois é.

ORDENES E FAREI

— Dá um jeito de fazer um preto bem forte — ele funga e diz em um tom seco, tentando não encarar a gorda.

Ela finge que não escutou e continua a esfregar o chão. Já é outro dia, e ela mal acaba de chegar e já tem de limpar uma poça enorme de mijo pra entrar no barraco. Ele insiste.

— Vai fazer um café preto bem forte – ele a encara.

Como é ele quem paga o meio período de serviço, ela acaba indo fazer o tal café. Ela está com tanto ódio do serviço que nem ao menos lava as mãos sujas, apenas pega o pó, um bule enferrujado e taca fogo na única boca do fogão que ainda funciona.

— Pronto.

— Uma hora depois.

— É que o gás tá no fim.

— Larga mão de inventar desculpas, tu nem sabe fazer as coisas direito.

— E o sinhô?

— Chega.

Ele dá a discussão por encerrada e pega uma xícara pra co-



locar o café fervendo dentro dela. Enquanto o “preto bem forte” desce pela boca do bule, sua mente só pensa na amada. “Será que era ela, mesmo?”. Talvez fosse só um delírio. Afinal, o mestre está há quase uma semana sem comer. Às vezes belisca um pão envelhecido ou um biscoito apodrecido, mas nada mais do que isso. Não que a gorda não insistisse pra ele se alimentar, mas esta é outra das coisas que ela desistiu de tentar. Falar com ele era como falar com a parede. Agora mais, afinal, além da depressão, a vontade de ver sua amada também o deixava sem palavras.

AMOR PROIBIDO

“Eu e meu violão, vamos rogando em vão, o teu regresso...” Os dedos dedilham pelo cavaquinho, mesmo desafinado e com uma corda a menos. O mestre treme de emoção e faz um gigantesco esforço para se lembrar da letra da canção.

— Mas que saco! Como era mesmo a outra estrofe?

— Olha, mestre, eu até lembro doutra parte desse samba aí, mas estou pasma de ver o sinhô cantando.

— Então fala aí como é.

— Tá... mas o que deu no sinhô pra resolvê cantá?

— Num interessa. Só fala como é o resto da música.

Assim que a gorda canta a estrofe seguinte, ele a dispensa e se concentra no samba. Seus olhos estão quase lacrimejando e seu rosto começa a suar frio quando vê uma luz intensa entrando pela velha janela. A luz é tão forte que só não o cega porque ele está com os óculos de lentes de gordura. Seus lábios tremem, e ele fica travado, sem conseguir tocar nem uma nota mais. O miserável do gato dá um grito ensurdecedor e foge.

— És tu, minha amada?



- 
- Ó, mestre, sou eu mesma.
— Ai, ai, que saudades!
— Eu também.
— Me beija.
— Me abraça – diz uma voz rouca e muito grave.
— Quem?
— É o compositô, seu amigo!
— O que tu faz com ele?
— A gente tá junto...

Mal deu tempo de ela terminar a frase e o mestre dá um salto sobre o tal compositor. Seus olhos em lágrimas ficam secos e vermelhos, e seu corpo não treme mais de emoção, mas de raiva. O vento que sopra pela janela carrega a poeira que está estacionada no parapeito faz muito tempo. Entre espirros causados pela poeira e uns pontapés sobre o compositor, ele xinga a mulher que tanto queria rever. O ódio, a raiva, a traição tomam conta de sua mente, e o cavaquinho acaba por armá-lo. Uma chuva fina e fria começa a cair. Raios e trovões começam a dançar pelo sombrio céu, e o meio-dia se transforma num breu total. Fazia quase duas horas que eles brigavam, quando, num golpe certo do mestre, o compositor cai sobre a xícara de café e, como numa analogia profética, derruba o “preto bem forte” no chão.

De repente não é mais só o céu que está escuro — tudo fica escuro. A bela luz e o perfume angelical se esmaecem no ar. O tal compositor também não está mais lá. O único sangue que escorre pelo cômodo é o do mestre. Ele resmunga e tenta não chorar. Apenas solta um palavrão tão grande que soluça umas duas ou três vezes para conseguir dizê-lo. Dá um soco no parapeito, rasgando ainda mais a pele de sua mão.

— E o coração ferido... quando lembrar de ti, me lembrarei também deste amor proibido. — diz, solitário.

A chuva fica mais forte e começa a alagar o barraco.



QUEM ME VÊ SORRINDO



A chuva varou dia e noite durante três dias. Não deu pra saber quando terminava um e começava outro, pois estava escuro o tempo todo. O mestre está quase submerso — seu barraco parece mais uma piscina ou, talvez, um aquário. O cheiro desagradável dos dias anteriores é lembrado como perfume francês perto do odor insuportável que se mistura ao oxigênio do lugar. A gorda não está trabalhando porque a correnteza abaixo do morro não a deixa sair de casa. Ele chora. Chora, soluça e depois sorri. Parece louco. Um som ensurdecedor de sirene rasga o barulho da chuva, fazendo raios e trovões desaparecerem. O corpo de bombeiros está interditando a área, e ele continua a sorrir. Quando um homem, alto e forte, vestindo roupas de proteção e capacete amarelo chega à sua janela e pede pra ele sair, tudo o que faz é sorrir mais. Ninguém consegue tirá-lo de lá, nem à força. E mesmo quando arrastam-no pelo barraco, ele continua a sorrir.

O intenso sorriso torna-se uma risada que pode ser ouvida a distância. As pessoas olham-no com estranheza. Ele não liga. “Quem me vê sorrindo, pensa que estou alegre. O meu sorriso

é por consolação, porque sei conter, para ninguém ver, o pranto do meu coração”, pensa.

Apesar de outrora derramar lágrimas, neste instante a postura de homem-macho volta a possuí-lo.

O mestre não está nem aí pro barraco que está caindo e, no meio da tempestade, caminhando entre a enxurrada, como um boi atravessando as águas do Paraíba do Sul, ele segue até o bar do outro lado da rua. O bar está semifechado por uma lona toda suja, e ele entra por uma pequena fresta deixada do lado oposto da direção da chuva.

O bar está sem energia elétrica, por isso não dá pra tomar uma gelada. Alguns arriscam uma pinga, outros ficam só observando a água cair na rua.

Pra passar o tempo, um rapaz toca um violão e uma senhora o acompanha com um pandeiro remendado com fitas e farrapos. Juntos, eles cantam um samba ponderado. “Meu amigo, sinto saudades de você, cuido da sua amada para quando ela te ver, estiver bela como você quer ver. Meu amigo, não deixo em ninguém ela tocar, porque nela só suas mãos podem pegar. Meu amigo venha fazer uma nova canção, sinto falta da sua emoção...”

O mestre pára ao lado deles e parece reconhecer o autor da canção.



— Esta música num é de ocês não, né?

— Não, sinhô. É não.

— Sabia... parece ser uma composição dum velho amigo...

Melhor, dum ex-amigo.

— Sinhô, senta aí pra curtir...

— Nem...

— Sabe, falaram que compuseram ela prum tal de mestre.

— E?

— Bom, a gente num sabe quem é o mestre, intão a gente toca ela toda hora pra vê se o tal aparece.

— E eu com isso?

— Sei lá, só achei que quiria sabê.

— Nem... mas tá. Quem foi qui falô isso pro cês?

— Uma muié com um perfume doce que parecia um anjo, e um sujeito bom de samba.

Nesse momento, o mestre esqueceu, mais uma vez, do lance de homem-macho. Derramou outra lágrima. A chuva cessou.

ALVORADA

“Traí meu grande amigo.” Ele se condena o tempo todo. É uma culpa que vai carregar pelo resto da vida. Essa que ele não consegue mais chamar de vida. Pra ele, todos os dias poderiam ser dias de chuva, muita chuva, assim ninguém mais tocaria samba algum. Mesmo assim, ele se lembra do rapaz e da senhora tocando samba, mesmo com todo aquele temporal. “Ela se foi. Eu a perdi.” Ele sabe que a culpa é toda dele. Passam horas e horas, e o mestre continua lá, estagnado, imóvel. Ainda tentou arriscar umas desculpas, tomando um gole de café que, por pena, o dono do bar lhe deu. Pediu à senhora pra tocar novamente o tal samba. A senhora também continuava lá, afinal ela era esposa do homem barbudo e careca, o tal dono do bar — e ainda a responsável pelas horríveis coxinhas e pelo molho de pimenta com gosto de vômito. O rapaz já tinha ido embora — aproveitou um bote que passava por perto.

Seu olhar se fecha e ele debruça novamente sobre a mesa. A magia acabou. Ele apenas chora. Nunca mais haverá homem-macho. Nunca mais haverá seu amigo compositor. E, o pior, nunca



mais haverá a sua amada. Percebendo que o samba não poderia mais ser tocado, e que o café não tinha mais efeito algum, ele apenas solta um daqueles longos palavrões que o faz soluçar para conseguir dizê-lo.

— O bar precisa ser fechado — anuncia o gentil homem barbudo e careca.

Ele finge que não escuta — ou talvez não esteja escutando mesmo. Então a senhora pára de tocar o pandeiro e diz ao marido que vai carregá-lo de volta pro morro. O mestre é persistente, faz corpo duro, não quer mais saber do morro ou de fazer coisa alguma — se bem que já não fazia nada havia muito tempo. Mesmo assim, ela consegue arrastá-lo e, quando chega ao morro, ela nem se arrisca a subir toda a escada e o deixa sobre o primeiro lance de degraus. Também já fizera muito por um sujeito que ela nem mesmo conhecia. O dia termina de súbito, e a noite vem fria, mas com o céu límpido. Só não entra no seu barraco porque a depressão o está acorrentando. A noite caminha veloz pro horizonte, e o dia vem chegando.

A alvorada lá no morro é uma beleza. Todos curtem o dia lindo. Ele não. Ele quer dar um grande tiro de três-oitão no Sol, só pra não ver mais o sorriso estampado na face sarcástica das pessoas. Ele ainda está na escada.

EPÍLOGO

Para o mestre, a alvorada não é mais a mesma. Nem o Sol colorido. Ele não quer mais saber de “bom-dia”, porque os dias não serão bons nunca mais.

— Me enganaram facilmente — diz ao léu.

Ele se sente um tolo. Disseram que não há tristeza no morro.

— Mentira.

Ele se lembra do puta gosto amargo do café requeitado e se debruça sobre o parapeito da outrora janela. Seu barraco já nem tem mais dois cômodos — a chuva levou um —, e o parapeito é o único lugar que ele ainda tem pra se apoiar. Respira fundo, dá uma soluçada e volta a se lembrar da velha corda que outro dia achara no baú empoeirado. Ele busca a calcinha com cheiro de mijo. Mas não quer mais cheirá-la. “Num tem mais o suave perfume”. Uma pequena brisa atinge seu rosto como se quisesse dizer a ele que o dia está maravilhoso só para irritá-lo ainda mais.

— Agora percebo... aqui só tem cheiro de mijo.

O mestre levanta-se, com muito esforço, e rasga a calcinha



com toda a força que possui no momento. Sua mão machucada não ajuda muito, mas a outra consegue resolver o problema.

— Tu não me mereces mais.

Ele dá uma última olhada pra trás e desce o morro. O mestre caminha desgovernado e segue sem rumo algum. Sua vida de merda perdeu todo o rumo. Não há mais destino pra alcançar, não há mais o velho e bom samba. Agora, o decreto vai ser regra fundamental. Ele se prende na amargura, como o gosto do café, que corrompeu a última gota de esperança de sua vida. A esperança não vai mais escorrer sobre seu coração — se é que ainda tem um. Se algum dia vier a romper novamente o decreto, a sua lei, agora, exige pena de morte.

Ao descer pelo último quarteirão, ele tem uma visão maravilhosa. Não, não é a esperança que voltou. Não, não é a mulher de sua vida e a chance dele se redimir. Tudo o que ele vê é o três-óitão na mão de um garoto. Seria pecado desejar a morte? Talvez ele nem pense nisso. Pra ele, a morte seria a chance de poder ir ao além e se desculpar com a sua amada e seu amigo. Mas o povo do morro “num tá nem aí” com ele e ninguém gastaria uma bala sequer para matá-lo. “Talvez se arrumar uma boa briga, ele me passe fogo”, pensa. E o mestre arregala os olhos, focando no revólver. Seu corpo estremece e ele sua frio. “Bem, talvez

nem precise disso”. Afinal, basta romper o decreto e sua morte será obrigatória. Daí sim, os caras lá do morro vão ter motivo de sobra para eliminá-lo. Todos os caras, menos talvez aquele rapaz que estava no bar ouvindo sua canção, o moço com o violão, a senhora com o pandeiro e talvez um tal de Bezerra, que sempre canta as velhas melodias.

Mas ele não tem mais força pra tocar o samba e muito menos para se enterrar no leito da morte. Ele não tem ânimo nem para pegar aquela corda que achou no baú empoeirado do seu barraco. O mestre está ferrado mesmo.

* * *

Tudo o que ele é capaz de fazer no momento é seguir cambaleando e sumir no horizonte. Uma voz triste e rouca esmaece no ar. “O que me resta é bem pouco, quase nada, do que ir assim vagando numa estrada perdida”.

FIM



SOBRE O CANTOR

Angenor de Oliveira, mais conhecido como Cartola, nasceu no Rio de Janeiro em 11 de outubro de 1908. Sambistas da velha-guarda da Mangueira, foi considerado o responsável tanto pela escolha do nome, como das cores adotadas pela Escola. Cartola compôs, sozinho ou com parceiros, mais de quinhentas canções, tais como “As Rosas Não Falam”, “Alvorada” e “O Sol Nascerá”, tendo sido esta última regravada mais de 600 vezes. Suas canções são musicalmente elaboradas e suas letras têm uma carga poética muito forte. Foi com Dona Zica (com quem casou) que compôs “As Rosas não Falam”, “Nós Dois” e “Tive Sim”. Somente em 1974, já aos 65 anos, que grava seu primeiro disco, Cartola, produzido por Marcus Pereira. Apesar do grande sucesso de seus sambas, Cartola morreu pobre. Nas décadas seguintes foram muitas as homenagens póstumas prestadas a Cartola por artistas como Beth Carvalho, Alcione, Paulinho da Viola, Chico Buarque, Ney Matogrosso, Cazuzza, Marisa Monte e outros.

CRÉDITOS ORIGINAIS

CARTOLA 74 - CARTOLA

Lançado em 1974

Selo: Discos Marcus Pereira

Produzido por Marcus Pereira

Para mais informações sobre o cantor, visite:

www.cartola.org.br

SOBRE O AUTOR

Igor Capelatto é formado em Publicidade e Propaganda e atualmente cursa disciplinas de pós-graduação em Mídias. Trabalha como cineasta, escrevendo e dirigindo filmes independentes pelo Núcleo Tayó de Cinema Experimental (www.tayo.cjb.net), sendo crítico para o portal da Fábrica de Quadrinhos e dando aulas de cinema. Sua maior inspiração é a sua namora Kamilla Mesquita, com a qual já produziu alguns filmes e coreografias de dança.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

19 **CARTOLA 74**

CARTOLA

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DISFARÇA E CHORA
2. SIM
3. CORRA E OLHE O CÉU
4. ACONTECE
5. TIVE SIM
6. O SOL NASCERÁ
7. ALVORADA
8. FESTA DA VINDA
9. QUEM ME VÊ SORRINDO
10. AMOR PROIBIDO
11. ORDENES E FAREI
12. ALEGRIA

